



O Camponês

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

A COMEMORAÇÃO DO 50º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA

No próximo dia 5 de Outubro faz 50 anos a Revolução que implantou no nosso país a República.

A essa Revolução deu o povo todo o seu apoio, farto, como estava, dum regime corrupto que impedia o progresso do país e a melhoria de vida das massas trabalhadoras.

Os dias de Outubro de 1910 foram de grande entusiasmo para os portugueses, convictos que uma nova época se abria na sua vida, plena de liberdade e de justiça.

Essas esperanças não se confirmaram porém, e, dezasseis anos depois, uma ditadura fascista, bem mais feroz e corrupta que as da monarquia, passou a dirigir Portugal.

Todo o nosso povo lembra com saudade esses dias históricos de 1910. E consciente que só a unidade de acção pode modificar de novo a situação política em que vivemos, não deixará de comemorar o 50º Aniversário da Revolução Republicana.

Os camponeses devem dar todo o apoio a essas comemorações, participando nas Comissões que as organizem, fazendo pequenas e grandes reuniões onde se fale no 5 de Outubro e na necessidade de todos os bons portugueses se unirem e lutarem pela Democracia e o Progresso, tomando iniciativas para que as autoridades sintam cada vez mais fortemente o desejo de todo o povo, de que seja promulgada uma ampla Amnistia Política, etc., etc.

A constituição de Comissões para organizar as comemorações do 5 de Outubro tem tanto maior importância porquanto tais Comissões podem formar a base para uma larga organização oposicionista para as eleições para deputados de 1961.

NÃO PODEMOS ACEITAR O DESEMPREGO DE BRAÇOS CRUZADOS

«O Camponês» sempre tem afirmado que a solução para o desemprego, que constitui um dos maiores flagelos para o operariado agrícola, não depende das vagas promessas do governo, mas sim da unidade, da organização e da acção decidida de todos os trabalhadores.

Hoje existe uma situação objectiva que devemos ver e compreender com clareza. Há no nosso país, e particularmente no Alentejo e Ribatejo, milhares e milhares de assalariados agrícolas, cuja sobrevivência provém do baixo aluguer da força dos seus braços. Com esta agravante: é que estes milhares de assalariados foram já em grande parte substituídos pelas máquinas nos trabalhos da agricultura, sem que apareçam novos serviços onde ocupem os braços. Deste modo o salazarismo e os grandes agrários criaram uma situação muito difícil aos trabalhadores do campo.

A luta contra o desemprego deve por isso estar no centro da atenção de todos os trabalhadores do campo.

Não podemos viver sem trabalhar e sem salários. A luta pela garantia de trabalho está estreitamente ligada à luta por um contrato colectivo de trabalho, que assegure trabalho, salário mínimo e horário.

Na luta contra o desemprego devemos seguir a rica experiência

de anos anteriores. Foi através de amplas concentrações nas Casas do Povo, Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, postos da G NR, etc., foi através de caçadas às perdizes e marchas de fome, etc., que os trabalhadores de Baleizão, Pias, Vale de Vargo, Serpa, Aldeia Nova, Montemor-o-Novo, Escoural, Aviz, Couço, Alpiarça, etc., arrancaram das autoridades e dos agrários trabalho e a distribuição de géneros alimentícios. Estas experiências devem estar vivas na nossa cabeça para poderem ser de novo aplicadas.

Se o desemprego não é um factor passageiro nem um factor só desta ou daquela localidade, mas sim de quase todo o ano e de províncias inteiras, se hoje somos diariamente substituídos pelas máquinas e se nos é imposta uma maior e mais descarada exploração, também nos devemos preparar e organizar para lutas maiores.

Como «O Camponês» tem salientado, sem uma maior e mais sólida unidade, sem uma melhor organização entre os trabalhadores do campo, não poderemos fazer frente à ofensiva dos agrários e do governo e defender os interesses vitais da nossa classe.

Por isso temos de fazer muitas reuniões de trabalhadores, em todos os lados e cada vez mais am-

plas. E é preciso que nessas reuniões se escolham Comissões que possam coordenar a acção com outras terras da mesma região, distrito e mesmo provincia.

Por outro lado a direcção das nossas acções deve estar voltada para amplas concentrações, com homens e mulheres, nas Casas do Povo, nas Câmaras e outras autoridades, para aí reclamarmos firmemente a solução das nossas reivindicações. Se não formos atendidos devemos organizar marchas de fome juntamente com as nossas famílias. Devemos combinar acções conjuntas entre várias localidades para dar mais força à nossa luta e conquistarmos a garantia de trabalho.

Em frente contra o desemprego!

Unidade e organização, armas da vitória!

AS LUTAS DOS CEIFEIROS

Em VILA NOVA DA BARONIA os ceifeiros concentraram-se na Praça de Jornas e embora os agrários quisessem só pagar 35\$00, conquistaram 40\$00 no geral e 45\$00 em alguns pequenos proprietários. Também no Escoural todas as

semanas mais de 100 trabalhadores se concentraram na Praça de Jornas. Embora de início as jornas fossem de 30\$00 e 35\$00, durante duas semanas foram conquistados 40\$00 e 45\$00. As mulheres ganharam metade. Para contratos de 30 dias foram conquistados 2.000\$00 pelo casal.

Em S. Cristóvão e Alcáçovas as jornas foram as mesmas do Escoural.

Em Serpa, onde se começou a ceifar por 30\$00 (homens) e 20\$00 (mulheres), foram conquistados, na segunda semana, 35\$00 e 40\$00, e as mulheres 25\$00.

Em Baleizão as jornas foram de 35\$00 (homens) e 25\$00 (mulheres) durante toda a ceifa.

Mas em Baleizão, Serpa e outras terras do Baixo Alentejo, nunca deixou de haver desempregados em virtude da utilização das máquinas que roubam o trabalho aos homens, atirando para a miséria muitos operários agrícolas e dificultando muito o aumento das jornas.

De todas as lutas dos ceifeiros, que temos vindo noticiando, bem podemos concluir que ante a ofensiva cada vez mais feroz dos exploradores do trabalho do operariado agrícola, só a unidade desta e uma luta firme e decidida pode impedir a miséria e a fome.

As melhores jornas foram conquistadas onde os trabalhadores se uniram e, concentrando-se nas Praças de Jornas, defenderam o que tinham combinado.

Onde os ceifeiros não se uniram os agrários souberam explorar essa desunidade impondo jornas baixas e a utilização das máquinas.

AS OBRAS DO RIO LIZ ARRUINAM OS CAMPONESES DA REGIÃO

Os governantes salazaristas têm feito grande propaganda com as obras realizadas pela Hidráulica Agrícola no Rio Liz, a partir da cidade de Leiria até à foz deste rio. Dizem eles, que tais obras se destinam a regar as terras baixas e a evitarem as inundações, que, com estas obras, melhoraram a vida dos camponeses. Isto é o que eles dizem na sua propaganda, mas a verdade é bem diferente!

A verdade é que nem os campos ficaram livres de inundações, por a estação de bombagem da Coca não dar vazão às águas das cheias, no inverno, nem os campos ficaram capazmente regados, no estio, de forma a melhorarem a agricultura e as condições de vida do povo. Só uma coisa é certa: é que todos os proprietários da zona abrangida pelas obras, reguem ou não reguem, têm de pagar um imposto adicional, chamado de «mais valia», que anda à volta de 500\$00 por hectare! Foi a única coisa que não falhou neste maldito plano do Estado Novo de Salazar!

A muitos pequenos proprietários não chega a água para a rega das suas terras, quando dela mais precisam, por erro nos planos e por ser consumida por algumas culturas de arroz dos arredores de

Monte Real, ou por os canais estarem entupidos com a areia das cheias do inverno, como sucede do lado de Pedrogão, ou ainda por as caleiras estarem quebradas ou perderem água, como sucede do lado da Vieira. Outros lavradores, por terem as terras de vinha ou de pomar, não precisam de água de rega, mas isto não evita que tenham de pagar à mesma os tais 500\$00 a mais de impostos por ano! Como as terras a regar não foram aplasnadas com a máquina, a rega, lá onde se faz, não chega a todos os lados, de forma que nuns lados há água e noutros falta por completo! Escusado é dizer que os camponeses pobres desta região, que são a grande maioria, não podem nem comprar nem alugar máquinas para fazer essa terraplanagem necessária. O resultado é que as culturas estão más, não compensam os esforços e canseiras dos agricultores, que mal dizem tais obras.

As obras da Hidráulica Agrícola, lá naquelas regiões do país onde as realizaram, têm beneficiado, não os pequenos proprietários da região de Leiria, de Chaves ou de Vale de Cambra, mas sim somente aos grandes agrários do Ribatejo e do Alentejo, que possuem milhares de hectares e maquinaria, e

dedicaram as vastas áreas regadas à cultura do arroz, ou as arrendaram por bom dinheiro. Para os pequenos proprietários, como é o caso destes do Liz, tais obras só trouxeram maiores contribuições e mais miséria! Por isso os camponeses dos concelhos de Leiria e de Pedrogão enviaram já ao governo de Salazar vários protestos, com milhares de assinaturas, no sentido de serem desagravados dos impostos que todos os anos têm de pagar.

Pequenos proprietários das margens do rio Liz! Organizai-vos todos e formai Comissões em todas as Freguesias para protestarem novamente junto do governo e recusai-vos todos, todos, a pagar os impostos! Todos unidos contra o imposto, contra os vossos exploradores!

**Nos muros, nas paredes,
nas estradas, escreve:
FORA SALAZAR**



VAMOS LÁ CONVERSAR Ó ZÉ

— Já as ceifas terminaram, Toino? Depressa voltaste, homem! Dizias queias para o Baixo Alentejo fazer as ceifas e a temporada das palhas?!

— É verdade, Zé, fui até lá, mas onde já se ganharam boas jornas, este ano as jornas foram muito baixas. A malta anda às turras, não procura entender-se e unir-se para conjugar esforços no sentido de conquistar jornas de 50 e 60\$00, como em anos anteriores. Sem pés nem cabeça, cada um a puxar para seu lado, agarraram de empreitada as searas dos grandes agrários e o resultado é que, trabalhando noite e dia, não conseguem passar dos 40\$00, porque de jorna são 26\$00 e 30\$00, os homens, e as mulheres a 20\$00.

— É Toino, o que tu me contas nem parece de gente desses lados. Claro que os agrários devem ter ficado todos contentes ao ficar com o dinheiro nos bolsos e a ceifa feita a bem dizer de graça. Como é que a malta se aguenta, Toino, seis meses de uma terrível invernã, que nos fez criar bolor no céu da boca, e agora a ganhar jornas dessas e a rebeitar com trabalho de empreitada?

— Eu, Zé, ainda falei com alguns companheiros, dizendo-lhes que as empreitadas só ao patronato interessam, que era por um contrato colectivo para toda a ceifa que se devia lutar. Mas não fui compreendido e, como não era dali, tive de abalar.

— Toino, um homem nunca desanima. Devias ter ficado a ajudar os nossos companheiros e companheiras, explicando-lhes que a unidade dos trabalhadores não cai do céu, forja-se através de reuniões de massas, mas que para realizar tais reuniões são necessários sacrifícios, vencerem-se hesitações, transporem-se obstáculos que os agrários, com as suas forças repressivas, nos querem impôr. Mas, Toino, vale mais fazer sacrifícios organizando homens e mulheres em reuniões de massas e elegendo comissões de unidade que coordenem um amplo movimento de trabalhadores na luta por trabalho e uma jorna que faça face ao custo da vida, do que trabalhar e não ganhar para se vestir e calçar e dar de comer aos filhos.

— É mesmo assim Zé. Mas digo-te que volto de novo a falar à malta para que ninguém trabalhe por menos de 50\$00 e para que todos lutem firmemente contra o desemprego, para que se obriguem os agrários e as autoridades a assinar um contrato colectivo que garanta trabalho o ano inteiro limpando e cultivando as propriedades incultas.

— Bem visto, Toino. Vamos deitar mãos à obra e até depois.
— Adeus, Zé!

FOI PRESO FRANCISCO MIGUEL

Na zona fronteira de Elvas-Badajoz, foi recapturado o nosso querido camarada Francisco Miguel Duarte, membro do Comité Central do Partido Comunista Português, grande, infatigável e heróico lutador, que à causa do proletariado e à libertação de Portugal do jugo fascista tem dedicado toda a sua vida.

Pela sua dedicação ao povo, pela sua firmeza política, ele é, um exemplo vivo do martírio dos comunistas na luta pelo seu ideal.

Por isto, Salazar e o bando de assassinos da PIDE, têm-lhe um ódio de morte. Nada nos poderá admirar se estes o assassinares! Caso o nosso povo, (a quem ele dedicou os 52 anos da sua vida) não tome medidas em defesa deste seu heróico filho.

É um dever de todos nós, salvar a vida deste nosso grande amigo.

Camponeses! Homens e mulheres, católicos ou comunistas, todos devemos escrever cartas ou postais, ao P. da República e a outras autoridades, a exigir tratamento humano para Francisco Miguel.

CAMPANHA DE AUXILIO PARA «O CAMPONÊS»

Transporte	44\$00
Lista nº. 260	6\$50
„ „ 274	13\$50
„ „ 275	14\$00
„ „ 276	10\$50
Alvaro Cunhal	5\$00
„ „	5\$00
Arroz Doce	20\$00
Bolo de Mel	10\$00
Contra Salazar	5\$00
Ferrovário Vermelho	10\$00

Em meados de Junho mais de 60 trabalhadores do Couço, que não tinham trabalho, concentraram-se na Casa do Povo.

O Presidente, Manuel Leitão, tirou os nomes dos desempregados ao mesmo tempo que se dizia admirado por já não haver trabalho. Alguns trabalhadores disseram-lhe que se admiravam de que ele, que era Presidente da Casa dos trabalhadores, não soubesse que havia desemprego.

O Leitão defendeu que o seu papel era de simples empregado para transmitir o que se passava enquanto os trabalhadores lhe mostravam que ele tinha por obrigação defender os trabalhadores, fazer com que os desempregados fossem imediatamente distribuídos pelos lavradores ou então procurar que se assinasse um contrato colectivo que dê garantias de trabalho todo o ano.

Um trabalhador apresentou ainda o que o Dr. Fagulha, então Presidente da Câmara de Coruche, tinha dito ao inaugurar a Casa do Povo do Couço: que esta era de grande utilidade para os trabalhadores pois era ali «que eles defendiam os seus interesses».

Depois disso os trabalhadores propuseram que o ministro das

Lenine	3\$00
Não quero Salazar	5\$00
„ „	5\$00
„ „	5\$00
Ó futuro é nosso	3\$00
Pelo fut. dos nossos filhos	5\$00
Pela libert. dos presos	6\$00
Pela Paz	2\$50
Pela Unidade dos ceifeiros	20\$00
Rádio Moscovo (J)	52\$50
Sapateiro Vermelho	2\$50
Viva a Liberdade	10\$00

(continua na 2ª pág.)

OUTRAS LUTAS DOS OPERARIOS AGRÍCOLAS

Em Aviz, os agrários Asdrubal Braga e seu primo eng. Brage, queriam obrigar os trabalhadores que traziam nas suas debulhadeiras, a ferrar meia hora antes do sol nascer e despegar meia hora depois do sol se pôr. Mas, os trabalhadores uniram-se e dispunham-se a largar o trabalho. Então os agrários recuaram e deram as condições pedidas pelos trabalhadores, ferrar ao nascer do sol e largar ao pôr.

Noutra debulhadeira do Asdrubal Braga os trabalhadores largaram o trabalho por aquele agrário só lhes querer dar 20\$00 secos quando, ele e os trabalhadores tinham assente a jorna de 20\$00 e comida.

Em VILA VIÇOSA o eng. Charua, actual presidente da Câmara, achando que os trabalhadores que trazia na sua debulhadeira trabalhavam poucas horas, do nascer ao pôr do sol, queria que passassem a trabalhar hora e meia antes do sol nascer até hora e meia depois do sol se pôr. Todos os trabalhadores abandonaram o trabalho.

Em MONTEMOR-O-NOVO a jorna nas debulhas é a 28\$00 e em ALCÁÇOVAS a 24\$00.

Perante a desenfreada exploração que os agrários e o governo exercem sobre os trabalhadores, só a luta Unida e firme lhe porá fim.
Mais Unidade! Mais Reuniões!
Mais Comissões! Mais Acção!

CARTAS DOS LEITORES

Companheiros! Passaram as ceifas e não pagamos as nossas dívidas, estamos róticos e cheios de miséria. Este ano durante as ceifas nada fizemos para que as jornas subissem. Fomos para a ceifa desunidos e sem qualquer acção combinada. As jornas não passaram de 30 e 40\$00 e não foi porque lutássemos por ela, se ganhámos essa jorna, foi o resultado das lutas dos anos anteriores. Já houve anos que Valvagueiros e Aldeianos se uniram e lutando alcançaram 50\$00. Este ano houve Aldeianos que pegaram em trabalhos largados por Valvagueiros. Não foi por acaso que os agrários Cortes e outros recorreram mais este ano aos Aldeianos.

A falta de unidade é a nossa fraqueza. Não podemos deixar de lutar, pois é só com a luta que podemos defender os nossos interesses. Não é por acaso que ficamos desempregados e que os agrários como o Nicolau, despedem centenas de ceifeiros deixando a maior parte da ceifa para as máquinas.

Isto sucede, porque em vez de fazermos largas reuniões de trabalhadores para nos unirmos e lutar pela conquista de contratos de trabalho com o mínimo de 50\$00 e as 8 horas, andamos fugindo uns dos outros. Os agrários ao verem que estamos desunidos aproveitaram-se e intensificam ainda mais a exploração.

Companheiros de trabalho! Não podemos esquecer que somos os mesmos das greves dos outros anos. Não é desempregados e de braços cruzados que arranjam pão para os nossos filhos.

A luta Unida é o caminho para todos os trabalhadores poderem defender os seus interesses.

Um trabalhador do Baixo Alentejo

CAMPANHA DE AUXILIO

Vamos para a frente	105\$00
Vai avante!	5\$00
Unidos venceremos	259\$00
Total	1.103\$00

A RUINA DOS PEQUENOS PRODUTORES DE BATATA

A Junta Nacional das Frutas, que é o organismo corporativo que comanda a produção nacional, tem tornado de ano para ano a vida mais difícil aos pequenos produtores de batata, que já não sabem, que fazer, pois tão depressa falta a batata no mercado e o preço de tabela sobe (e se fazem então grandes importações de batata estrangeira), como há «batata a mais» a apodrecer nos armazéns e nos celeiros dos produtores, e os preços descem de tal forma, que representam a ruína dos pequenos produtores. Cultivar batata em Portugal é o mesmo que jogar na lotaria: nunca se sabe se se vai perder ou ganhar!

No entanto, o povo consumidor continua sempre a pagar a batata por preços elevados, para proveito de certos grandes negociantes e armazenistas, como por exemplo o actual ministro da Defesa, Botelho Moniz.

Os grandes negociantes e armazenistas estão interessados na importação de batata estrangeira (por vezes mais barata que a nacional) e fazem grandes negociatas com as subidas e descidas de preços deste produto, que é hoje a base da alimentação do nosso povo.

É isso que explica porque motivo, no decorrer deste ano, se im-

portou batata estrangeira para consumo e agora não há quem compre a nacional, e se está a pagar a \$70 e \$80 o quilo ao produtor nalgumas regiões. No entanto, a retalho, há quem tenha de comprar a 2\$00 o quilo!

A falta de silos para armazenagem em boas condições de conservação da produção nacional, a falta de crédito fácil e barato aos pequenos produtores, os elevados preços dos adubos e insecticidas, a política de negociatas dos grandes importadores e organismos corporativos, são as causas principais da ruína de milhares de pequenos produtores de batata no país.

Torna-se absolutamente necessário que os pequenos produtores de batata organizem, através de todo o país, acções de protesto contra esta política ruinosa e anti-patriótica do governo de Salazar! É preciso que os pequenos produtores de cada freguesia, de cada concelho, de cada região produtora, se concentrem junto dos Grémios de Lavoura e das autoridades, exigindo medidas concretas do governo para evitar a sua ruína! Um por todos, todos por um! Só da acção e organização dos pequenos produtores de batata poderá resultar alguma melhoria para eles!